

mas também como sujeitos que tentam resistir, não se deixar vencer pelas leis sociais padronizadas, que, ao contrário de vê-las na sua singularidade, acaba excluindo-as.

As crianças e adolescentes em situação de rua criam uma cultura singular, com corpos utilitários e transgressores, para sobreviver no mundo da rua; corpos malandros, em que os cuidados estão condicionados ao espaço em que vivem, com roupas, acessórios e falas que caracterizam o grupo; bem como corpos dopados, como uma alternativa de resistir, de amenizar o sofrimento, a dor, a incerteza e o frio. Assim, podemos visualizar em seus corpos tanto marcas do fracasso, onde a sociedade acaba estigmatizando-as e estas se representam como inferiores e incapazes, quanto marcas de resistência, com corpos brutalizados, transgressores da norma social hegemônica, seja em relação a formação de grupos que substituem a família, à sobrevivência em um espaço considerado como público pela sociedade, mas transformado em privado para eles, a antecipação da idade, tendo que ser adulto para sobreviver e criança para suportar as asperezas da rua, sem falar na utilização de entorpecentes, amenizando assim as pressões que sofrem.

Para que políticas sociais e educacionais para as crianças e adolescentes em situação de rua sejam viabilizadas, com uma real preocupação em favorecer a sua cidadania, torna-se necessário que se leve em conta a realidade dessas crianças e adolescentes, vendo-as em sua singularidade, partindo de seu cotidiano, de seus valores e visões de corpo, homem e sociedade para relacioná-la ao saber formal, para que assim seja favorecida a sua aprendizagem, partindo do concreto, uma vez que a sua corporeidade é formada pelos padrões disciplinadores, que acaba inferiorizando-as, por não possuírem um padrão formal de linguagem e pela vivência concreta nas ruas, com corpos transgressores e utilitários, valores diferenciados do consagrado pela lei social, onde as relações com os companheiros e a lei da rua são os parâmetros que regem a sua vivência.

Referências bibliográficas

- ¹ ALVES-MAZZOTTI, A.J. Representações Sociais de Meninos de Rua. In: **Educação e Realidade**. V.22, n.1, p. 183-208. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1997.
- ² DIEGUEZ, L.R. **Meninos de Rua de Santa Maria: o discurso do fracasso ou da resistência?** Dissertação de Mestrado. Santa Maria, 1994.
- ³ FIGA, M.E. As Outras Crianças. In: **Imagens do Outro** / Jorge Larrosa, Núria Pérez de Lara (orgs.). P. 87-96. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ⁴ FIGUEIREDO, M.X.B. A Corporeidade na Escola. In: **Revista da Educação Física**. Vol. 4, nº 1. Universidade Estadual de Maringá, 1993.
- ⁵ FREITAS, G.G. **O Esquema Corporal, a Imagem Corporal, a Consciência Corporal e a Corporeidade**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.
- ⁶ GONÇALVES, M.A.S. Sentir, **Pensar, Agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1997.
- ⁷ JAEGER, A.A.; CANFIELD, M.S. Representação Corporal das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. In: **Kinesis**, v. 2, nº3, p.11-34. Santa Maria: UFSM, 2001.
- ⁸ KOFES, S. E sobre o Corpo, não é o próprio Corpo que Fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: **Conversando sobre o Corpo**. Heloísa T. Bruhns (org.). 5ª ed, p. 45-60. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- ⁹ SANTIN, S. Perspectivas na Visão da Corporeidade. In: **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. P. 51-69. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- ¹⁰ _____. Corporeidade e Educação Motora. In: I Congresso Latino Americano de Educação Motora e II Congresso Brasileiro de Educação Motora. **Anais...** P. 134-142. Foz do Iguaçu, 1998.
- ¹¹ _____. Corporeidade e Educação Motora: confluências e divergências. In: II Congresso Latino-Americano e III Congresso Brasileiro de Educação Motora. **Anais...** P. 9-24. Natal, 2000.

¹² SILVA, A.M. **Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo de felicidade**. Campinas: Autores Associados: Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

¹³ TIBÚRCIO, L.K.O.M. Retratos da Corporeidade: um ensaio filosófico. In: **Anais do II Congresso Latino-Americano e III Congresso Brasileiro de Educação Motora**. P. 394-398. Natal, 2000.

“We live at a different world”: reflection as for the corporeity of Children and adolescents in street’s situation

Abstract

This study comprehended the corporeity of children and adolescents in street’s situation, over of the appearance, senses, actions and corporal expressions. This study was formed for fifty children and adolescents in street’s situation approximately, who participated of the project “Educational Communitarian Sport: a action to the citizenship”, at 1999, and of the project “If this street were himself...”, at 2000, just as children and adolescents who where at Santa Maria center city. It was been an ethnography search, utilized participle observations and informal conversations to the information’s collect, narrated for a diary’s field. There is evidence that the corporeity of children that the corporeity of children and adolescents in street’s situation is a result the social contingences, that passed by the idea that they are subordinate, because they don’t possess a scientific knowledge, begotten oppressive and discipline corpus; they were subjects who resist, too, don’t leave to win by standard social laws, which to end their exclusion, on the contrary of the see at their singularity.

Keywords: corporeity, children and adolescents in street’s situation, street law.

“Vivimos en un mundo diferente”: reflexiones acerca de la corporeidad de los niños y de los adolescentes en situacion de calle

Resumen

Este estudio busco, a través de la apariencia, sentimientos, acciones y expresiones corporales evidenciadas, comprender la corporeidad de los niños y de los adolescentes en situación de calle. Formaron parte del estudio, aproximadamente, 50 niños y adolescentes en situación de calle, que participaban del proyecto “Esporte Educacional Comunitário: uma ação para a cidadania”, en 1999, y del proyecto “Se essa rua minha...”, en 2000, así como niños y adolescentes que se encontraban en el centro de la ciudad de Santa Maria. Siendo una investigación etnográfica, se utilizó observaciones y conversaciones informales como medios para comprender la totalidad del estudio, siendo estas relatadas minuciosamente en un diario de campo. Se constató que la corporeidad de los niños y adolescentes en situación de calle es un resultado de los contingentes sociales, que prepan la idea de que, por no poseeren un conocimiento científico, son inferiores, generando cuerpos oprimidos y disciplinados; pero también demuestran que son sujetos que intentan resistir, no dejarse vencer por las leyes sociales padronizadas, que, al contrario de verlas en su singularidad, termina excluyéndolas.

Palabras-claves: Corporeidad, niños y adolescentes en situación de calle, lei de la calle.

Características sócio-culturais de práticas ginásticas e futebolísticas no sul do Brasil ao final do século XX

BRUNO, Giancarlo Bazarele Machado¹; PEREIRA, Flávio Medeiros².

Resumo

Com entrevistas, observações, quantificações e metragens, estudou-se as academias de Ginástica e os locais de Futsal e de Soccer em Pelotas/RS. Um total de 1.570 praticantes, 44,8 alunos/academia, 97 % mulheres, praticavam principalmente Ginástica Localizada, Aeróbica e Step, em 35 locais, área média de 205,4 m². Pertenciam à iniciativa privada 91,4%, e as restantes a clubes sociais. A maior frequência era no período antes do verão e entre 17:00 e 22:00 horas. O custo médio, para exercitação duas vezes semanais era 4,76% da renda mensal *per capita*. Podiam ser alugadas todas as 13 quadras de Soccer e 31 das 38 quadras de Futsal. Havia 9.422 praticantes de Futsal (98,51% homens) e 3.851 de Soccer (98,05% homens). Jogando duas vezes por semana dez indivíduos, gastavam 3,81% da renda média mensal individual. Das quadras esportivas, 14 tinham finalidades educativas, 10 eram de entidades associativas e 27 de propriedade privadas/comerciais. Revelando características regionais, churrasqueiras, vendas/consumo de bebidas e cigarros diferenciavam as instalações futebolísticas. A cultura física, inserida na perspectiva capitalista atual, também era utilizada como mediação-mercadoria; inexistiam iniciativas estatais quanto à instalações e programas gímico-esportivos; o custo da cultura física era, contraditoriamente baixo, sendo pequenos os percentuais de praticantes, com sazonalidades e questões de gênero.

Palavras-chaves: Ginástica, futebol, cultura.

Introdução

Pelotas, a cidade onde se desenvolveu o presente estudo situa-se na região sul do Rio Grande do Sul, as margens do Canal São Gonçalo e da Lagoa dos Patos. O município é caracterizado como de clima temperado, com temperatura média anual de 17,5° e, em meses como junho e julho às 7:30 horas, a média de temperatura oscila em 7,5 e 6,9 graus centígrados respectivamente (ESTAÇÃO AGROCLIMATOLÓGICA EMBRAPA-UFPeI, 1997). Cidade de porte médio, 53º município do país, terceiro do estado, tinha 323.034 habitantes, 169.854 mulheres e 152.180 homens (IBGE, 2000), com 93,2% vivendo na zona urbana. Conforme o ITEPA (2000), contava com 216.936 eleitores e um renda *per capita* de R\$ 6.294,00. Sua economia, além do comércio e serviços, tinha por base a agro-indústria, grande produtora e maior parque de beneficiamento de arroz do país.

¹ Especializando da Escola Superior de Educação Física - UFPeI

² Prof. Dr. da Escola Superior de Educação Física - UFPeI.

Endereço: Rua Dr. Franklin O. Leite, 353 - Pelotas/RS. CEP 96055-520. Fone: (53) 223-4513.

Com relativa grande variedade cultural, contava com duas universidades, jornais diários, sendo um já centenário, teatro inaugurado em 1833, biblioteca pública com quase 130 anos de ininterrupto funcionamento, museus, parques e cinemas. Especificamente quanto à cultura física, além da cidade dispor de três equipes de Futebol profissional, eram praticadas diversas formas gímnicas, em particular a Ginástica Localizada e a Ginástica Aeróbica (com suas variações de coreografias, músicas e ritmos). E, também, Musculação, danças, esportes individuais, dentre outros: Natação, Atletismo, Tênis, as “artes marciais”, como Boxe, Capoeira, Judô, Karatê, Taekowondo, Kung-Fu, Hapkido e, esportes coletivos, principalmente: Andebol, Basquete, Voleibol e com destaque, para o Futebol, de campo e suas principais derivações, o Futsal e Futebol de Sete.

Nos meados da década de noventa, começou a ser praticado o Soccer, como variação do Futebol, para ambientes cobertos e com duas equipes de cinco atletas. Essa terminologia, de origem anônima, surgiu para diferenciar nominalmente a sua prática das demais atividades futebolísticas já existentes.

A ginástica e o futebol são elementos constitutivos da cultura física¹⁵. Forma cultural, onde o corpo humano, sócio-historicamente inserido, é voluntariamente exercitado. A cultura física é algo caracteristicamente humano, pois somente o homem tem cultura, porque apenas ele, decorrente de sua intervenção, consciente, planejada, altera, significativamente, a natureza. De origem latina, cunhada na Roma Antiga, o termo cultura era grafado junto de outras palavras que revelavam manipulações e/ou elaborações intelectuais, como *agricultura* ou *juris cultura*.

No Brasil, no âmbito da Educação Física, encontra-se o uso terminológico de *físico* e *corpo* com o mesmo significado. Na utilização do termo físico, reporta-se a palavra grega *physikós*, pelo latim *physicu*. Já corpo é tomado do latim *corpus, corporis*. O usual é expressar-se como: “houve luta corpo a corpo” e “preparador físico de tal equipe”. Nunca diz-se: houve luta físico à físico, nem tampouco refere-se, esportivamente, ao preparador corporal de tal equipe.

E, o conhecimento da realidade concreta - não apenas se contentando com o saber empírico - em especial da realidade da cultura física, e suas interligações, além de ser uma necessidade pedagógica, no campo da Educação Física Escolar, também compreende um campo de estudo que, cujos resultados, podem orientar decisões curriculares, na formação de profissionais da área, bem como auxiliar em empreendimentos e iniciativas, estatais e privadas, no setor de serviços culturais-educativos.

Metodologia

Os procedimentos observativos-descritivos de análise da realidade são muito antigos. Desde os tempos da cultura clássica, greco-romana, encontram-se registros e descrições de usos e costumes. Nos primórdios do século XIX, no local onde foram coletados os presentes dados, já haviam sido estudados²⁶: a sua população, questões de gênero, de classes e grupos sociais, os processos laborais, o *modus vivendi*, sua geografia e sua arquitetura.

No presente caso, realizou-se um estudo descritivo, *post factum*, apoiado em alguns autores¹³¹⁰, o qual teve como população alvo e amostragem, a totalidade das instalações cobertas existentes na zona urbana de Pelotas e destinadas à prática da Ginástica, do Futsal e do Soccer.

Pesquisou-se somente locais de acesso público, institucionalizadas, apropriadas para a prática destas formas de cultura física. Pela dificuldade de quantificar e de poder coletar fidedignamente os dados, não foram incluídas neste estudo as práticas ginásticas realizadas de forma privada, como em condomínios ou de grupos particulares de pessoas em suas residências. Pelos mesmos motivos não analisou-se as práticas futebolísticas ao ar livre, em locais abertos, improvisadas, sazonais e dependentes do clima, como o Futebol e o Futebol de Sete, além das formas modificadas e improvisadas destes esportes, as populares “peladas”, as quais, sabidamente ocorrem nas periferias urbanas e noutros espaços, locais esportivos improvisados e nem sempre totalmente disponíveis aos praticantes.

No segundo semestre de 1998 e primeiro de 1999, foram listados os todos os bairros visando encontrar as instalações gímnicas-futebolísticas e, a seguir, a partir de cronograma, feitas visitas

previamente agendadas. Em cada instituição além de várias observações das práticas ginásticas e esportivas, realizaram-se medições, utilizando fita métrica profissional e técnicas apropriadas de aferição de distâncias, e registros descritivos dos ambientes em caderno de campo. De forma privada, sigilosa e individualizada, entrevistou-se os proprietários ou responsáveis pelas instituições, pessoas com comprovada capacidade para fornecer os dados buscados.

De prévios conhecimentos da cultura física urbana, de estudos e de vivências profissionais, sabia-se que as práticas gímnicas eram caracteristicamente femininas e as futebolísticas eram masculinas. E, a opção cultural, por gênero, dos homens praticarem esportes com bola e das mulheres se voltarem para as formas ginásticas também é encontrado em King *et al* (1992)²³.

Também delimitando o estudo, excluíram-se as formas ginásticas e futebolísticas realizadas compulsoriamente, em escolas ou instituições militares, bem como os locais e as aulas, cujos conteúdos eram as diversas formas de Dança e as formas ginásticas que visavam a musculação ou recuperação física.

De modo geral, nas academias gímnicas, com diversificação de seus serviços, também haviam espaços para aulas de Musculação e de Artes Marciais/esportes de combate. Assim, como instituições de Musculação também ofertavam formas gímnicas e também nos locais de esportes de combate havia aparelhos de musculação e também aulas de Ginástica. *Assim, mesmo considerando que em cada instituição-local seria possível a prática de outras formas de cultura física, estudou-se somente a Ginástica.*

As orientações principais para a coleta dos dados, eram: a) Que as práticas gímnicas e futebolísticas fossem desenvolvidas em ambientes fechados e, jamais, ao ar livre. b) Tivessem prática voluntária.

Apresentação e discussão dos resultados

A ginástica

Foram encontrados e estudados 35 locais para a prática da Ginástica em toda cidade. Das academias, 24, ou 68,5% situavam-se na zona central da cidade. A maioria das academias, 66,6 %, fora inaugurada a partir de 1996. Das instalações para as práticas gímnicas, 32 eram de origem privada, de proprietários individuais ou de associados e, as 3 restantes eram de origem associativas, de clubes sociais.

Uma academia privada, oferecia Ginástica passiva, autodenominada de “estética e terapêutica” com aparelhos altamente diferenciados dos usuais nas demais academias. Estes aparelhos movimentavam os segmentos e regiões corporais dos sujeitos em exercício passivo. Contava com 35 praticantes, 98% mulheres. O custo era de R\$ 49,00 para duas sessões por semana, R\$ 59,00 para três vezes semanais e R\$ 70,00 de prática intensiva. Funcionando de segundas aos sábados, dispunha de três funcionários num espaço de 48 m²

Caracterizadas como locais de acesso público, com proprietários privados, as academias gímnicas, para fins administrativos dos órgãos da municipalidade, eram considerados como prestadores de serviços. Para tal, “a princípio”, era necessário a obtenção de alvarás, pagamento de taxas e sujeitos à fiscalização municipal. O critério fundamental para o acesso dos interessados à prática da Ginástica era o pagamento de valores de matrícula e de mensalidades. Sem que fosse um critério uniforme, em alguns casos era solicitada aos frequentadores das academias a apresentação de atestado médico sobre as condições de aptidão para a exercitação física..

Para as práticas gímnicas, das instituições existentes 75% cobravam taxa de matrícula, valores pagos no ato de inscrição, variando entre R\$ 25,00 e R\$ 45,00. Esses valores correspondiam a US\$ 13,58 e US\$ 24,45, conforme a cotação de US\$ 1,00 igual a R\$ 1,84, no mercado livre (paralelo),

em 31 de julho de 1999. O preço das mensalidades oscilava entre o mínimo, R\$ 25,00, para uma frequência semanal de duas vezes, e um máximo de R\$ 65,00, (US\$ 35,32) com frequência de cinco vezes semanais. Mesmo nos clubes, a prática da Ginástica tinha um custo extra às regulares mensalidades, com valor entre R\$ 12,00 (US\$ 6,52) e R\$ 15,00 (US\$ 8,15), para sócios e de R\$ 22,00 (US\$ 11,95), para os não sócios.

Somando o *número de matrículas totais*, existentes nos períodos de coleta de dados, o período de maior procura, antecedendo o verão, foram encontrados 1.570 praticantes de Ginástica, compreendendo um número médio de 44,8 praticantes por academia (máximo de 72 e mínimo de 8, $sd = 14,3$).

Além das formas Aeróbicas de “baixo impacto” e Step eram praticadas: Ginástica Localizada, Ginástica Aeróbica, nas suas ênfases rítmicas e coreografadas: Axé, Samba, Salsa, Lambada, “Aero-Fight”, Aero-Local e Cross-Training, dentre outras⁵. Sendo muito popular a Ginástica Aeróbica, na cidade ela iniciou-se a sua prática nos anos oitenta, seguindo um grande movimento ginástico com finalidades estéticas. Para⁸, a exercitação ginástica em academias é relativamente muito antiga no Brasil, iniciando-se principalmente, com a musculação, o “halterofilismo”, no Rio de Janeiro, então capital federal, no início do século XX. Informa³¹ que foi na década de setenta que no Brasil aconteceu a “explosão de academias gímnicas”, com significativo aumento na sua quantidade.

Em 1984, o estado do Rio de Janeiro contava com 6.000 academias¹. E Saba (1998), estimava existirem aproximadamente 10.000 academias em todo o país.

No presente estudo, perfazendo 1.523 sujeitos, a quase totalidade dos praticantes, 97%, era composta por mulheres, adultas e jovens. Não se separou o número de praticantes quanto a forma ginástica, devido aos comuns casos em que, numa parte da aula havia exercitação com Ginástica Localizada e noutra parte com Step. Ou então, noutra aula, os mesmos sujeitos se exercitavam somente com uma forma gímica, como por exemplo, Ginástica Aeróbica.

Para 65 % das academias, a Ginástica tinha o maior número de praticantes entre março e outubro, com ênfase na procura nos meses que antecediam ao verão. Mas, de meados de dezembro até o fim do mês de fevereiro verificou-se a menor taxa de ocupação dos locais. Desse período crítico, um proprietário de academia classificou o mês de janeiro como um “mês morto”. Uma proprietária informou que no período de férias de verão, ainda que diminua grandemente o número de frequentadores das academias de Ginástica, atualmente a situação estaria melhor do que no passado, quando, então, as academias suspendiam completamente suas atividades.

Ainda que houvesse praticantes de Ginástica pelas manhãs e início das tardes, o horário compreendido entre 17:00 e 22:00 horas era o “horário nobre”, quando as academias tinham a maior frequência.

Nas academias gímnicas não eram encontradas pessoas fumando. Salvo raras exceções, algumas pessoas fumavam nos espaços de circulação, e jamais nas áreas próximas do espaço específico da exercitação ginástica.

Todas as instalações das academias de Ginástica, exceto duas, se caracterizavam por, originalmente, haverem sido construídas para outros propósitos. Estes locais antigamente haviam sido casas de moradia familiar, garagens para veículos automotores, depósitos de mercadorias diversas e engenhos para o beneficiamento de arroz.

Uma “academia-padrão”, representando 84,8% das academias estudadas, tipificava-se por dispor de uma área para a prática da Ginástica com cerca de 36 m², piso de parquê, taboa corrida ou acarpetado, contando com um grande espelho, steps, halteres manuais, cordas, etc., aparelho de som, com fitas e CDs. Tinha também de um pequeno *hall*, escrivaninha, fichário e material de escritório, área de circulação, sanitários e vestiários, numa área média de 205,4 m² (maior com 1.500 m² e menor com 24 m², $sd = 271,04$ m²). Nelas podiam se exercitar conjuntamente nove pessoas e o professor(a). As academias situadas em periferias tendiam a ser menores em termos de área disponível, bem como mais singelas quanto aos demais itens.

Tabela 1 - tipos e quantidade de academias da cidade de Pelotas em 1999, classificadas conforme a metragem de área construída.

Tipo	Metragem	Quantidade
Pequena	Até 120 m ²	18
Média	121 - 240 m ²	12
Grande	241 m ² ou mais	5

O futsal e o soccer

As formas futebolísticas, praticadas em locais cobertos e iluminados artificialmente, eram o Futsal e o Soccer. Dos locais destinados ao Futsal, 55,2% situavam-se na zona central da cidade. Com Soccer, 85,7% dos locais eram localizados fora da zona central.

O Futsal, o “salutar esporte bretão na sua variação sul-americana”, existe desde a década de trinta. Sendo originário do Uruguai, foi no Brasil que se popularizou³⁰. A Confederação Brasileira de Futebol de Salão (2000), informa da existência de mais de 250.000 atletas e 2.200 clubes. É estimada a existência de 12 milhões de praticantes do Futsal em todo o Brasil, com os mais diversos objetivos, níveis, gêneros e faixas etárias⁶. Isto representaria cerca de 8% da atual população brasileira com menos de 60 anos de idade. O total de praticantes de Futsal no Brasil, compreende um número maior do que a população total de países como Portugal, Uruguai ou Holanda.

Em Pelotas, o Futsal é praticado na cidade desde a década de quarenta. Atualmente é jogado em quadra de parquê ou tábua-corrida, com bola pesando, adulta, 390 e 450 gramas, circunferência entre 61 e 64 centímetros e quadras medindo, em média, 30m x 18m. Em 5 locais haviam quadras acatavam as medidas mínimas oficiais, de 38 m x 18 m.

O Soccer, também chamado de Futcinco, esporte coletivo de condução da bola com os pés e marcação de gols, com duas equipes de cinco jogadores cada uma, sendo um goleiro, era jogado em quadra de 28 m x 18 m, com bola, para equipes adultas, pesando entre 350 e 380 gramas e circunferência entre 65 e 69 centímetros, geralmente de cores firmes, contrastantes com o ambiente, e sobre “grama sintética”, um grosso e resistente “acarpelado”, colado no piso acimentado e de cor verde.

Encontrou-se 31 locais cobertos de Futsal, com 38 quadras. Divididos quanto a sua propriedade e finalidades, eram: 12 locais com finalidades *educativas-formativas*, de propriedade estatal (federal, estadual, municipal) e privadas. Eram quadras pertencentes à escolas, sendo que uma situava-se numa organização militar, do exército brasileiro. De propriedade privada, de *associados de clubes* existiam 8 locais. Destes, uma entidade era vinculada à classe patronal, do ramo da indústria e outra, de origem sindical de trabalhadores do setor de telecomunicações. Existiam também 11 locais de *propriedade privada/comerciais*, de pessoas jurídicas, micro-empresas individuais e em sociedades limitadas.

Tabela 2 - Origem e quantidade total dos locais e quadras cobertas para a prática do Futsal na cidade de Pelotas em 1999

Origem	Educativa	Associativa	Privada	Total
Nº de locais	12	8	11	31
Nº de quadras	14	10	14	38

Das instituições educativas com instalações onde se poderia praticar Futsal, na época, 7 não alugavam suas quadras. Isto implicava em que 7 quadras destinavam-se somente para atividades da própria instituição. Assim, podiam ser alugadas um total de 31 quadras de Futsal.

Tabela 3 - Origem, locais e quadras cobertas que alugavam suas instalações para a prática do Futsal na cidade de Pelotas em 1999

Origem	Educativa	Associativa	Privada	Total
Nº de locais	5	8	11	24
Nº de quadras	7	10	14	31

Podendo ser utilizadas nos turnos das manhãs, tardes e noites, e durante todos os dias da semana, as quadras de aluguel tinham maior horário de procura das 18:00 horas até 24:00. Como regra, nas instituições escolares, os alugueis de quadras ocorriam somente quando não haviam atividades de Educação Física programadas.

No Futsal, 6 locais foram criados para outras finalidades que não o esporte, requerendo pois, adaptações nas suas instalações. O “local padrão”, de aluguel, para a prática do Futsal, era composto por quadra esportiva com 30 m x 18 m, piso de parquê, cercada por rede de *nylon*, teto de telhas de amianto, arquibancadas de cimento, secretaria, *hall*, bar, espaço de circulação, sanitários e vestiários com chuveiros quentes. A não existência de churrasqueiras nas quadras “educativas”, as quais não eram regularmente alugadas, configurava-se como elemento diferencial destas com os “locais padrões”, de aluguel/comerciais, para as quais, a venda de bebidas e cigarros também era meio de auferir lucros.

Em 7 locais de prática do Soccer, existiam 13 quadras, todas pertencentes a iniciativa privada e todas com possibilidades de aluguel de suas instalações. Nestes locais a quantidade de quadras variava de uma a três.

Tabela 4 - Locais e quantidade total de quadras de aluguel para a prática de Soccer em Pelotas em 1999

Locais = 7	Com 1 quadra	Com 2 quadras	Com 3 quadras
Quadras = 13	3	2	2

Tipificando o linguajar rio-grandense, com influência hispânica, as quadras esportivas também eram popularmente denominadas de “canchas”. No Soccer, havia um caso, quando do último horário à noite, um grupo de jogadores, retirando a rede divisória, uniam duas quadras tendo o espaço de jogo aumentado, jogavam Futebol de Sete.

Um “local padrão” de Soccer era composto de duas quadras, cercadas por rede de *nylon*, secretaria, bar, churrasqueira, área de circulação, sanitários e vestiários com chuveiros quentes.

Considerando os horários alugados no período da coleta dos dados, e o número apropriado de dez jogadores em quadra ao mesmo tempo - adicionando-se, em média, mais um atleta “que sobra”, e alterna-se entrando e saindo da quadra durante a duração do período alugado - foram computados 9.422 jogadores de Futsal e 3.851 de Soccer, totalizando 13.273 jogadores. Estão incluídos 126 participantes de “escolinhas” de Futsal, de seis clubes sociais, cujos alunos participavam de eventos de nível estadual e regional e, 84 participantes de outras duas escolinhas em quadras de Soccer. Estas escolinhas, na época, propiciavam o ensino e prática desportiva para crianças, a partir dos sete anos e para adolescentes, até os 16 anos de idade, somente do sexo masculino, com aulas que ocorriam pelas manhãs e tardes.

Na realidade cultural estudada, *escolinhas esportivas*, compreendiam aulas regulares de esportes coletivos, no presente caso de Futsal e de Soccer, ministradas por um professor adulto para grupos de alunos, ocorrendo regularmente em períodos pré-determinados. Os alunos, inclusive nos clubes sociais, pagavam uma taxa mensal para participarem destas aulas. Pode-se considerar que estas práticas se configuravam como “Educação Física não-escolar”, num conjunto didático-pedagógico de professor-alunos-conhecimentos/práticas, implicando em planejamentos, objetivos, procedimentos formais de ensino, avaliações, utilização de materiais esportivos e participação regular em eventos competitivos de sua modalidade e conforme a idade dos alunos.

O contingente feminino de praticantes de Futsal era aproximadamente de 140 pessoas, equivalente a 1,49% do total de praticantes. No Soccer haviam cerca de 75 jogadoras ou 1,95% do total de praticantes.

Tabela 5 - Quantidade e percentuais de praticantes de Futsal e Soccer, por gênero, em Pelotas em 1999

Esporte	Homens	Mulheres	Total
Futsal	9.282 = 98,51%	140 = 1,49%	9.422
Soccer	3.776 = 98,05%	75 = 1,95%	3.851
Total	13.058	215	13.273

Cumpre ressaltar, que tal como no gênero masculino - onde rapazes jogam em dois e até três diferentes locais e formas de Futebol, e até duas vezes num mesmo dia - também no gênero feminino, muitas das praticantes de Futsal também jogavam no Soccer. Assim, estes números podem estar *superdimensionados*, e nunca diminuídos em relação à realidade. Porém, no Futsal e no Soccer ao final dos anos noventa, ainda o Futebol “era pra macho...”

Oito clubes, com 10 quadras, ofertavam o Futsal e nenhum o Soccer. No clube de maior contingente de associados, o título de sócio custava R\$ 1.100,00 (US\$ 597,82) e a mensalidade era de R\$ 20,00 (US\$ 10,86). Sendo sócio, o acesso as quadras esportivas era gratuito. Fora os clubes e associações de classes, esses locais tinham o caráter de serem públicos com proprietários privados.

O acesso decorria do pagamento de aluguel das mesmas por horários contados por *hora-cheia*, como das 19:00 às 20:00 horas, das 20:00 às 21:00, e assim por diante. Se, para a Ginástica o pagamento era individualizado, para as formas futebolísticas, costumeiramente, o custo era rateado entre os jogadores.

Considerando a variável clima, com o verão propiciando maiores oportunidades de exercitação física ao ar livre, podia-se notar uma “migração esportiva”, das formas futebolísticas praticadas em ambiente fechado, para práticas ao ar livre. Assim, em dezembro, janeiro, fevereiro e meados de março, encontravam-se horários disponíveis, para aluguel nas quadras cobertas, nos classificados como horários-nobres, das 19:00 às 21:00 horas. Nesses mesmos meses e horários ficavam lotadas as quadras ao ar livre, de Futebol de Sete e campos de Futebol, ambos com iluminação elétrica.

Nos meses em que era maior a claridade diurna, o aluguel já ao final da tarde era mais barato, pois “era sem luz”. No fim do outono início do inverno, nesse mesmo horário o preço do aluguel era mais caro, pois os praticantes tinham que pagar o “aluguel com luz”. Sem iluminação elétrica o aluguel das quadras ficava entre R\$ 15,00 (US\$ 8,15) e R\$ 20,00 (US\$ 10,86) a hora e com iluminação entre R\$ 25,00 (US\$ 13,58) e R\$ 30,00 (US\$ 16,30), em geral até as 23:00 horas (referente ao horário das 22:00 às 23:00 horas). Após esse horário o preço baixava. Quando os grupos de jogadores não dispunham de sua própria bola, os estabelecimentos a emprestavam,

Em todos os locais de prática de Futsal e do Soccer, com quadras de aluguel, existiam pequenos bares, chamados de “copas”, para a venda de refrigerantes e bebidas alcoólicas, por vezes também cigarros, doces, salgados e com a possibilidade de preparação de lanches rápidos. Mesmo que a legislação prescrevesse a proibição do fumo em locais públicos, conforme a Lei Municipal²⁰ e Lei Federal nº 9.294 (1996), bem como em alguns locais existissem avisos como “É favor não fumar”, era comum se encontrar pessoas fumando próximas das quadras. Esses tabagistas eram minoria “inexpressiva”, e fumavam sempre fora das quadras, dos espaços de jogo.

Em todos os locais de aluguel para a prática do Futsal e do Soccer, existiam churrasqueiras e demais aparatos para comemorações: mesas, cadeiras, espaço para preparação de alimentos, fogões, talheres, etc., quer fossem localizadas ou não no mesmo ambiente das quadras esportivas. Certos proprietários destes locais - não em todas as instituições e, mesmo nessas, nem sempre por todo o tempo - visando “manter a freguesia” muitas vezes, e até sistematicamente, em determinados períodos,

ofereciam gratuitamente carne para churrasco - principalmente de costela bovina - para grupos de jogadores os quais costumavam alugar regularmente suas quadras. Nestes casos a carne era gratuita, mas a bebida era paga. O mais usual era que os próprios jogadores comprassem a carne e demais componentes para fazer o churrasco. Sendo comum à outras regiões do Rio Grande do Sul, e parte integrante de sua identidade cultural, de modo que compunha os rituais esportivo-futebolísticos, após os jogos, em geral nos finais de semana, sextas-feira e sábados, grupos de adultos, algumas vezes levando suas esposas, namoradas e filhos, se reuniam para comer carne, principalmente bovina - e também suína ou avícola - temperada somente com sal, assada em espetos sobre brasas de carvão vegetal e acompanhada de refrigerantes, cerveja, pão e saladas.

As quadras de Futsal e Soccer também eram alugadas para comemorações de aniversários, em geral de meninos. Nestas festas, enquanto as crianças brincavam, jogavam, ocupando a(s) quadra(s), os adultos ficavam no espaço das churrasqueiras. Após um período, de jogo/brincadeiras com bolas, até com pequenas competições entre as crianças presentes, havia o canto de "Parabéns", o apagar de velas, degustação de comidas doces e salgadas e do tradicional bolo de aniversário. O local e uso do jogo como meio para reunir/entreter as crianças com atividades esportivas-recreativas, compreendem variações significativas nas "tradicionais festas de aniversário". Configura-se, assim, como mais uma interligação da cultura física com outras atividades sociais, marcando, fortemente, a influência do esporte no final da década passada.

Existiam escolas pertencentes à rede privada de ensino, as quais alugavam instalações de Futsal, de propriedade privadas, geralmente no período da tarde e as utilizavam como local auxiliar para desenvolver atividades de treinamento de suas equipes desportivas. Também eram conhecidos casos em que clubes cediam, gratuitamente, em horários de pouca procura pelo Futsal, suas quadras para que escolas estaduais situadas nas proximidades as utilizassem para aulas regulares de Educação Física, bem como para treinamento de suas equipes esportivas.

Ainda que não fosse objeto específico verificar as classes sociais dos praticantes de Futsal e de Soccer, percebia-se que, principalmente nas quadras de aluguel, não havia distinção entre os seus frequentadores. E, como as classes sociais não são determinadas somente por posses pecuniárias¹¹, indivíduos de diversos níveis de formação intelectual, raças e profissões praticavam estes esportes, ainda que, se pudesse verificar forte influência de grupos etários similares e de categorias profissionais que juntavam para jogar. Genericamente as equipes dos praticantes de Futsal e de Soccer eram compostas por grupos de amigos, de vizinhos, de estudantes, do ensino médio e universitário e, também de times de empregados de empresas do comércio, da indústria e da área de serviços.

Além das práticas regulares de cinco contra cinco sendo os goleiros fixos, também ocorriam jogos com vários futebolistas revezando-se na posição de goleiro. Em algumas situações os jogos aconteciam, por todo um período de aluguel ou por algum tempo, com duas equipes de quatro componentes cada e com gols somente sendo validados quando a impulsão da bola ocorria de dentro da área, pois não havia a posição diferenciada do goleiro. Quando o tamanho da quadra o permitia, uma outra variante era de se confrontarem duas equipes compostas por seis jogadores cada uma.

Ocorriam jogos eminentemente recreativos, com a reunião informal de amigos/conhecidos até competições organizadas por diversas entidades e por categorias profissionais, como trabalhadores gráficos, advogados ou jornalistas. Estes eventos podiam se concluir em apenas um dia ou se estender por várias semanas. Salvo casos esporádicos, de grupos de pessoas que, com programação de "última hora" reuniam um ou dois times, e jogavam sem sequência uma única vez, em geral, os grupos de praticantes de Futsal e Soccer costumavam alugar as quadras de um a três horários por semana, com pagamento adiantado no início do mês, o que lhes garantia que sempre a quadra esportiva estaria a sua disposição na hora pré-determinada. Esse procedimento era denominado de "permanente".

Salvo uma quadra de aluguel de Futsal, e as dos clubes sociais, todas as de Soccer, se localizavam em prédios os quais foram construídos para outros fins. Por disporem espaços amplos e altos eram preferidos os antigos depósitos de mercadorias, garagens de empresas de transporte rodoviário e prédios destinados ao armazenamento e beneficiamento de arroz.

A ginástica, o futsal e o soccer

Na época da coleta dos dados, uma academia ginástica e uma quadra privada de Futsal tinham horários alugados para aulas regulares do curso de Educação Física da universidade federal da cidade. Outra academia de ginásticas e outra quadra de Futsal também eram alugadas para uma escola particular de ensino no nível médio. Assim as instalações estudadas também serviam como locais alternativos para a Educação Física.

Quantitativamente, os 1.570 eqüivaliam à 0,52% do total da população urbana de Pelotas, 301.067 habitantes. As 1.523 pessoas do gênero feminino, ou seja, 97% de 1.570 praticantes de Ginástica, eqüivaliam a 2,0% do total de 76.001 mulheres com idade entre 15 e 49 anos, ou a 0,96% do total população feminina da cidade de Pelotas, conforme atualização, para o ano de 2000, dos dados do IBGE (1997).

Quanto às práticas futebolísticas, as 215 jogadoras, correspondiam à 1,49% da população feminina, 14.425 garotas com idade entre 15 e 19 anos de idade, conforme dados de 2000, a partir de indicativos de 1997 (IBGE).

Os 13.058 praticantes de Futsal e Soccer, correspondiam a 18,46% dos 70.739 indivíduos, do sexo masculino, com idade entre 15 e 49 anos de Pelotas, em 2000, a partir de dados de 1997 (IBGE). Somente os 9.282 praticantes de Futsal correspondem à 13,12% dessa população.

No total, os 1570 praticantes de Ginástica, mais os 13273 de Futsal e Soccer, perfaziam 14.843 pessoas, correspondiam à 10,1% do total de 146.740 pessoas com idade entre 15 e 49 anos do município de Pelotas.

Na relação quantidade de habitantes da zona urbana por instalações, as 35 academias gímnicas, propiciavam a existência de uma instituição para um grupo de 8.601,9 habitantes da cidade. Para o Futsal, essa relação era de 7.922,8 habitantes para cada quadra esportiva e para de 23.159 para o Soccer. No total das instalações, salas de ginástica e quadras futebolísticas cobertas, encontra-se a existência de um grupo de 3.500,8 habitantes por local.

Tendo como base de cálculo as 35 academias, com número médio de 9 praticantes em cada sala de Ginástica, cada academia ofertando 12 horários (contando horas-cheias, das 8:00 horas até as 12:00 horas e, das 14:00 horas, ininterruptamente até o encerramento do último horário, 22:00 horas) encontrou-se a possibilidade de 3.780 pessoas exercitarem-se ginasticamente a cada dia.

Unindo o Futsal e o Soccer, perfazendo 51 quadras, tendo 11 jogadores por quadra a cada hora, também com suspensão das práticas do meio-dia até às 14:00 horas, mas aumentando para mais dois horários, até à meia-noite, encontrou-se a possibilidade de exercitação diária de 7.854 pessoas.

Houve dificuldade para a quantificação da força de trabalho diretamente envolvida com as práticas ginástica e futebolísticas estudadas. Foram computadas um total de 166 pessoas. Eram 36 trabalhando no setor de administração e secretaria, 12 na limpeza e 120 como profissionais de Educação Física. Ocorriam casos de profissionais de Educação Física que trabalham com Ginástica e também como professores de escolinhas esportivas. Por fugir dos objetivos deste estudo, não se computou as pessoas que trabalhavam com arbitragem esportiva. Muitos profissionais de Educação Física, trabalhavam em duas ou mais academias. Além de profissionais devidamente qualificados, com nível superior, ocorriam casos em que instrutores de Ginástica e professores de escolinhas de Futsal e de Soccer, os quais, ou eram totalmente leigos ou ainda não haviam concluído o curso de Educação Física. Em certos locais a limpeza era terceirizada e, devido nem sempre os mesmos trabalhadores realizarem tarefas nos mesmo locais, era impossível os quantificar com precisão. Em alguns casos, nas academias gímnicas, os proprietários, exerciam as funções de professores, cuidavam da parte administrativa, auxiliavam na secretaria e chegavam até a fazer limpezas e serviços gerais. Nos espaços ginásticos e nas quadras esportivas de origem educativas e associativas, pessoas com atividades de secretaria/administração e os da limpeza também se dedicavam a outras atividades institucionais.

A cultura física criticada

A crítica à cultura física inicialmente requer vincular-se à três elementos referenciais.

a) Sendo a cultura física continuada um dos objetivos da Educação Física escolar, entende-se que o conhecimento sócio-antropológico da realidade é fundamental, pois a exercitação física permanente somente pode ocorrer em tempo e espaços concretos. Assim, trata-se de mais um estudo de contexto, com informações metodicamente coletadas, podendo constituir-se em bases de dados futuros estudos. E, à sua maneira, chama para os professores de Educação Física a sua quota parte de responsabilidade para com a cultura física, seu desenvolvimento e suas elaborações críticas, como é proposto por¹⁵.

b) Com toda cultura, a cultura física reflete, não de modo linear, questões classistas, econômicas, culturais, geográficas, etc. Também para a cultura física, a crítica multidimensional decorre da existência de “intercondicionantes” também multidimensionais. Ainda que, com embasamento dialético, possa se atribuir uma causa maior e final ao fator econômico, já no século XIX reconhecia⁷, além de condicionantes de superestrutura, também outros, multifatoriais na cultura e na sociedade, e não exclusivamente um, da base econômica, do modo de produção. O que não se pode descartar é que, mesmo que outros condicionantes/determinantes, como educação, tradição, clima, modismo, etc., também estes elementos, de uma ou de outra forma sofrem, em instâncias derradeiras, as influências da economia.

c) As práticas ginásticas e futebolísticas aqui estudadas, são apenas três das diversas opções culturais, urbanas, existentes. São somente três das formas de ocupação voluntária do tempo disponível, com a cultura física e em locais cobertos. Além das já citadas formas esportivas e ginásticas, na realidade cultural da cidade existiam outras formas culturais, não caracterizadas como exercitação física, mas sim como “recreação passiva”¹⁷ como atividades intelectuais, artísticas e sociais, bibliotecas, cinemas, museus, exposições artísticas, bailes, encontros com amigos, etc.

Tradições e costumes arraigados na realidade social e cultural, questões de gênero e da divisão social do trabalho e o elemento econômico são facilmente percebidos. A cultura física sendo referenciada pelo “mundo do trabalho” é constatada com os horários de maior procura das práticas ginástica e futebolísticas: no final de expediente de trabalho e nas noites. Associadas a uma ainda realidade discriminatória e diferencial quanto ao gênero feminino, “destinadas ao universo do lar”, enquanto os homens exercem atividades profissionais fora de casa, as mulheres trabalham “cuidando da casa”. Dada a “flexibilidade” da jornada laboral doméstica, daí, elas poderem se exercitar, ginasticamente, nos meados das manhãs e, principalmente, nas tardes. Já os homens somente podem jogar Futsal ou Soccer após cumprida a jornada diurna de trabalho, ao final das tardes e nas noites.

E os horários dos turnos da tardes e noite foram considerados como os preferidos para a prática de exercícios físicos²³. Estes períodos correspondem à 69,8% dos horários destinados à prática de exercícios físicos. Como esse autor informa que na cidade de São Paulo, uma academia de Ginástica de pequeno porte teria até 500 clientes, mesmo a maior das academias de Pelotas ainda seria pequena comparada aos padrões de quantidade alunos dessa metrópole.

Coerente com a atual fase do modo de produção capitalista, historicamente caracterizado pela dinâmica de obtenção e maximização de lucros, a “livre iniciativa” não perde oportunidade. No presente caso, empresários aproveitam os espaços já construídos, mas ociosos, originalmente destinados à indústria e ao comércio, e os adaptam para a área de serviços, na exploração da cultura física, em especial do esporte conseguindo, assim, obtenção de lucros. Essa mudança na finalidade dos empreendimentos, passando do setor primário para a área de serviços, objetivando a continuação na geração de excedentes pecuniários, também é uma das características do capitalismo ao final do século XX²⁸. O capitalismo é em alta conta inerentemente dinâmico por causa das conexões estabelecidas entre o empreendimento econômico competitivo e os processos generalizados de transformação em mercadoria⁹.

Especificamente no Brasil, já nos anos oitenta o capitalismo, na coerência de “mercantilização das relações sociais e culturais”, utilizava a cultura física, em especial o esporte para auferir lucros¹⁵.

Antes e agora, empresas se valem de diversas formas esportivas para a popularização de suas logomarcas e de seus produtos, não apenas através da divulgação em camisetas e espaços em campos e quadras, mas também sendo proprietárias de equipes, patrocinando e promovendo diversos eventos. Tal como a alimentação e a saúde, também a cultura e a cultura física, tomam a forma de mercadorias, produtos, enquadram-se e acatam as leis e relações de mercado.

Vinculados de alguma forma com a realidade - social, ambiental, cultural e econômica - com a modernidade, com o modo de vida, com questões familiares e psicológicas, vários autores tratam de elementos e fatores relacionados com as práticas de exercícios físicos, em especial quanto a “aderência” e a sua relação com a saúde. De estudos estrangeiros, realizados em culturas e condições sócio-econômicas diferenciadas, os facilitadores de ordem psicológica, social e ambiental são abordados por alguns autores²³. Dentre facilitadores e barreiras para o exercício físico, os fatores sócio-demográficos, sócio-culturais e atributos comportamentais são categorizados²⁴.

E, sobre condicionantes gerais para a prática da cultura física - condicionantes devido às características de historicidade, de dinâmica e de ser passível de modificações - para pessoas saudáveis, vivendo em meios urbanos de forma interligada os seguintes fatores¹⁶:

- Temporais: Determinados pela existência de tempo livre disponível, espaço no cotidiano, liberado do descanso e do trabalho, para ser utilizado na recreação ativa.

- Materiais instalativos: Determinados pela existência e possibilidade de uso de instalações e materiais gímnico-desportivos. Em especial no Rio Grande do Sul, com o clima temperado, a existência de locais cobertos é um elemento qualificador das práticas culturais. Sem instalações apropriadas, a cultura física fica dependente de fatores climáticos - baixas temperaturas, ventos e chuvas - os quais, quando adversos a inibem ou diminuem a qualidade e quantidade de sua realização.

- Educacionais: Relativo ao necessário conhecimento, gosto habilidades, decorrentes de processos educativos, formais e/ou informais, os quais propiciassem capacidades de exercitação para os sujeitos. A cultura física, como qualquer cultura requer ser aprendida para ser apreciada, necessita ser assimilada criticamente, passando do conhecimento para o gosto e, daí, para as convicções. Assim, a cultura se tipifica como uma categoria pedagógica.

- Grupal: Da existência de grupos de pessoas dispostas e capacitadas para se exercitarem conjuntamente. Como consequência direta da industrialização e do modo de viver urbano, a aglomeração populacional propicia a existência de maiores possibilidades de formações de grupos de interesse, para práticas coletivas, como são as práticas futebolísticas.

- Econômico-financeiro: Requerimento de condições pecuniárias para aprender, gostar, dispor de habilidades gímnico-desportivas, de ter tempo livre, e poder pagar para acessar-frequentar as instalações existentes. O aprendizado, o tempo livre, o acesso às instalações implicam em que os sujeitos das práticas culturais necessitem dispor de possibilidades financeiras para o seu custeio.

Estes fatores, inter-relacionados, implicam a que se isolados ou inexistentes, eles impedem ou dificultam que os sujeitos de se exercitem fisicamente de modo adequado. Para sujeitos sem tempo livre disponível para se exercitar, de nada valem a existência de instalações e materiais, conhecimentos e habilidades, grupos de interesse e posses econômicas. Da mesma forma, todos estes fatores não propiciam condições de exercitação se não existirem locais e implementos, pois não se pode, no sentido verdadeiros das ações, jogar Futsal sem bola ou realizar exercícios ginásticos coreografados sem música. Também ninguém pratica esportes coletivos sozinho, nem é capaz de jogar qualquer tipo de Futebol desconhecendo regras e não dispondo de mínimas habilidades motoras, nem, tampouco pode realizar, objetivamente, exercícios ginásticos que desconheça. E, como se vive numa sociedade mediada por fatores pecuniários, “tudo é dinheiro”. As construções de locais para a prática da cultura física, implicam em custos e, o tempo livre dos sujeitos relaciona-se com a sua posição social e financeira. Ainda que “não linearmente”, maiores disponibilidades financeiras, inferem à melhores condições de tempo livre e mais possibilidades de acesso às informações e de frequência aos locais de práticas gímnico-desportivas.

No Futsal e Soccer, para uma turma de 10 jogadores, praticando duas vezes por semana, implicaria num gasto individual de R\$ 20,00 por mês. Considerando-se o custo de R\$ 25,00 do aluguel de uma quadra, no período da noite, “com luz” e, com o grupo jogando oito vezes num mês, tendo um custo total de R\$ 200,00, o que dividido pelo número de jogadores, chega-se à R\$ 20,00. Estes R\$ 20,00 correspondiam à 3,81% da renda média mensal dos habitantes de Pelotas, relembrando-se que a renda *per capita*/ano, dados de 2000, era de R\$ 6.294,00 ou R\$ 524,50 por mês.

Já para a Ginástica o custo era mais elevado. Não podendo dividir o preço de mensalidades individuais, cada praticante gastava R\$ 25,00 para uma frequência de duas vezes semanais, o que perfazia 4,76% da renda média mensal.

Esses percentuais devem ser entendidos sob duas perspectivas: para as pessoas de baixa renda, sub-empregados, famílias grandes e desempregados, esses percentuais são extremamente elevados e servem de impeditivos para a prática do esporte. Por outro lado, sob a ótica da vida com qualidade, onde, das suas diversas dimensões, encontra-se a da prática física metódica, com o uso do tempo livre em práticas culturais que unem a saúde com a alegria, tendo em vista os inúmeros benefícios daí decorrentes, gastar 3,81% ou 4,76% dos recebimentos mensais, em verdade, implica em gasto muito pequeno. Ainda que estes custos elevem-se ao aditar-se gastos com transporte, calçados e vestimentas apropriadas e, também considerando o baixo poder aquisitivo brasileiro e sua perversa distribuição de renda, estes gastos ainda são percentualmente pequenos. Trata-se, no fundo, de uma questão de entendimento de mundo, de visão e ação na vida, de opções culturais, de escolhas sobre dispêndios pecuniários.

Em 1999, gastar R\$ 25,00 por mês para praticar Ginástica, equivalia a pagar o preço de 25 garrafas de cervejas a R\$ 0,80 cada uma, poder comprar 8,47 sanduíches tipo *Big Mac*, (um “indexador” econômico de uso internacional devido a busca de qualidade ser semelhante em qualquer local do mundo) a R\$ 2,95 cada ou frequentar 5 sessões de cinema, a R\$ 5,00 o ingresso.

A dificuldade em conseguir obter informes sobre a quantidade real de pessoas trabalhando, principalmente com o Futsal e o Soccer, não só quanto ao ensino, mas também quanto à manutenção, limpeza e serviços gerais, decorria de não se obter fidedignamente o número de pessoas envolvidas nestas atividades. Podia até se inferir que pessoas que circulavam pelo local poderiam ser “empregados” dos estabelecimentos, mas não se podia comprovar essa realidade. Conforme o depoimento de um proprietário de academia ginástica, isto era consequência dos altos gastos para se terem empregados com carteira profissional assinada. Em algumas academias, ministrando aulas de Ginásticas, encontravam-se pessoas leigas e acadêmicos de Educação Física, de ambos os sexos, também em situação irregular, como “estagiários”. Também nas quadras esportivas existiam leigos, somente homens, exercendo atividades de professores, sem formação universitária e sem o registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF/RS).

Constata-se que: a) São, relativamente, poucas as pessoas vinculadas com a cultura física urbana estudada, tendo em consideração o número de quadras e academias; b) Era difícil quantificar o total de pessoas diretamente vinculadas com o mercado de trabalho nas instituições ginásticas e futebolísticas e, fora do setor de limpeza-manutenção, encontram-se trabalhando pessoas sem a devida qualificação profissional, leigas, “práticos” ou ainda estudantes de Educação Física. Isto implica na existência de um grande trabalho a ser realizado pelo Conselho Regional de Educação Física, quanto à fiscalização/orientação sobre o mercado de trabalho, no sentido de buscar o cumprimento da Lei nº 9.696 (1998).

Associado a outros elementos e fatos culturais da realidade brasileira, como: recesso parlamentar, períodos de exames escolares, vestibular universitário, carnaval, férias ao final do ano, etc., a busca pelas academias de Ginástica também era marcada por ter um período característico de ocorrência. Essa ênfase em praticar diversas formas de Ginástica, principalmente no segundo semestre civil, caracteriza essa prática em academias pela sua sazonalidade, em processos que beiram a angústia na busca de reversão da falta de condições físicas e, como consequência, formas corporais ideais. Como atividade humana que se diferencia antropológicamente também por conhecer seus limites e buscar

transcende-los, entendendo isto como uma premissa para uma vida saudável e busca de satisfação de modo contínuo ao longo da existência, o gostar de si mesmo e procurar manter-se em forma deve ser valorizado e ensinado ainda na escola. Assim, pode-se considerar que esta procura por obter um corpo tido como o ideal, compõe um verdadeiro ritual feminino antecedendo o verão. Mas, parece que em realidade, ocorria um afastamento do ideal de exercício físico continuada e de bem-estar permanente, e a Ginástica, sob uma perspectiva quase que exclusivamente “narcisista”, era incrementada antes e tendia a ser esquecida logo após o verão.

Tal como noutros campos da cultura física e da Educação Física, as questões de gênero também se apresentam revelando separações, exclusões e um universo cultural masculino muito superior ao feminino.

Relevando mudanças positivas, em comparação com situações de um passado não muito distantes, constata-se que quanto à execução ginástica, essa prática é, atualmente e nas formas estudadas, caracterizadamente feminina. Quando verificaram que com motivos estéticos as mulheres compreendem a grande maioria dos frequentes de academias ginástica²¹. Os homens são raridade nas salas de Ginástica, 3%. Isto se deve aos costumes, às maiores preocupações para com o estética e o corpo evidenciado pelas mulheres ou consequência natural do que se verifica na Educação Física escolar? Na cidade estudada, as possibilidades culturais para as mulheres eram infinitamente menores há pouco mais de 20 anos, pois, em pesquisa do final dos anos setenta, encontrou a existência de somente dois locais onde elas poderiam se exercitar ginasticamente e nenhum caso de mulheres jogando alguma espécie de Futebol. E, de dados sobre a Educação Física escolar^{16 17 19} verifica-se que os conteúdos ginásticos são maiores para as alunas, bem como elas evidenciam maiores preocupações para com a estética e higiene corporais.

Cumprir lembrar que, de análises antropológicas da atualidade (modernidade, “pós-modernidade”), o corpo e a estética, também assumem dimensões de cunho econômico e revelam modos de vida de “um ser mundo” globalizado. O corpo é considerado como uma segunda força produtiva, implicando em investimento e em tempo destinado ao seu desenvolvimento, considerada a importância da aparência física²⁷. Uma preocupação com a auto-satisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra o mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana.

Quanto ao Futsal e ao Soccer, ainda que seja perfeitamente possível a prática esportiva em conjunto de homens e mulheres, na realidade do cotidiano constatado, verifica-se que homem não joga com mulher. Ou melhor, mulher “ainda não pratica Futsal ou Soccer”. Tal como verificado¹⁸, as mulheres tem um papel secundário nos rituais esportivos futebolísticos. Elas ficam fora das quadras, são assistentes, “participando” somente como incentivadoras durante os jogos e nas comemorações.

Das estruturas ambientais dos locais destinados ao Futsal e ao Soccer, com uso costumeiro pelos seus praticantes e pessoas a eles ligadas, também se verifica que a existência de churrasqueiras revela tradições culinárias fortemente arraigadas entre os gaúchos. No Rio Grande do Sul, nada mais comum que se valer do churrasco para comemorar qualquer evento. E, as demonstrações de afetividade e de espírito de grupo, quando pessoas se reúnem para fazer churrasco nas festas e comemorações vinculadas ao universo esportivo, futebolístico, também é relatada²⁹. Possivelmente pelo seu histórico mais fortemente vinculado com a estética e com a saúde, devido a uma maior presença feminina e pela Ginástica “não ser tão lúdica como o esporte”¹⁵, nos locais de sua prática inexistiam churrasqueiras.

Diferentemente dos locais para a Ginástica, nos locais futebolísticos encontrou-se possibilidades de ingerência de bebidas alcoólicas e de uso regular de cigarro. No caso específico do Futsal e do Soccer, a cultura física se afastava da saúde e se associava, perigosamente, aos maus hábitos de vida e à objetivos censuráveis para obtenção de lucros. Nos locais futebolísticos, o uso de bebidas alcoólicas e do tabaco era até incentivado, através de propagandas destes produtos afixadas nas áreas de circulação.

Entende-se que o uso da cultura física, da Ginástica, do Futsal e do Soccer, como prestações de serviços, com objetivos de obter renda decorrente da sua prática, como opção cultural paga - e, universalmente, em termos econômicos "não existem jantares grátis - não é censurável. Seria bem melhor que houvessem muito mais locais, mesmo que privados, que incentivassem não só as práticas estudadas como outras formas de cultura física. O que é negativo é que, além de serem poucos estes locais estas formas culturais, são utilizados para obtenção de lucros com venda de produtos, os quais, comprovadamente, fazem mal à saúde. E, ainda que legislação rezasse contra o uso do cigarro em locais públicos, tal como algumas outras leis no Brasil, estas também não eram totalmente cumpridas.

E, quanto à cultura física e legislação, deve-se lembrar que, conforme o artigo nº 217, da nossa Constituição: "É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um..." A "significativa" existência de bases legais para com as práticas esportivas numa constituição nacional até que pode revelar a preocupação, oficiosa, para com a cultura física explicitada no documento maior do país, porém, trata especificamente do esporte e silencia às outras formas de cultura fulcradas na exercitação física.

Pela não-existência de espaços públicos, estatais, cobertos, nos quais fossem possíveis práticas gímnicas e esportivas, na realidade estudada, verifica-se uma ausência do Estado, nos planos dos poderes municipal, estadual e federal, quanto ao propiciar, instalativamente, locais e condições apropriadas para que se auxiliasse no cumprimento da Constituição. Porém, a sociedade dispõe, no plano legal, de instrumento o qual propicia subsídio para que o esporte de fato seja praticado como um direito de cidadania. Tal como a saúde e a educação, também a cultura física é muito lembrada em períodos pré-eleitorais, mas posteriormente esquecida, principalmente quanto a construção locais específicos, para uso público.

E, se para os esportes mais populares não haviam locais cobertos à disposição da população, para a Ginástica, essa realidade era ainda mais perversa. Assim, quando o setor público se afasta da promoção de condições de exercício da cidadania e da cultura, como no presente caso pelo não-propiciamento de instalações gímnico-desportivas, a iniciativa privada ocupa esse espaço.

De certa forma, a ausência dos poderes públicos somente era amenizada com iniciativas de projetos de extensão universitária, oriundos da universidade federal, com iniciativas ginásticas, esportivas e recreativas, atendia crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas portadoras de necessidades especiais.

Ao se defender que órgãos públicos também se voltem para a cultura física, a qual, pode associar a saúde à recreação, não se está defendendo que somente o Estado - nas suas várias instâncias: federal, estadual e municipal - obrigatoriamente e de modo exclusivo, propicie condições para que o povo se exercite. O que deseja-se são significativas participações estatais nas diversas esferas da cultura física popular, propiciando, para as camadas de menor poder aquisitivo e moradoras das periferias, oportunidades de desfrute destas opções culturais.

Mesmo com a construção de novas instalações gímnico-desportivas, ou de reformas e adaptações de locais já existentes, para estas e para outras formas de cultura física, sempre existiriam gastos com manutenção, conservação e limpeza. Porém, sob a ótica de iniciativas estatais - viabilização de espaços culturais custeados a partir de valores de impostos e taxas pagos por toda a sociedade - as instalações gímnico-desportivas, por não visarem lucros, podem, parcialmente, distanciar-se da racionalidade de mercado. Assim, para a auto-sustentação, as instalações estatais não necessitam de altos custos de aluguéis de quadras esportivas ou de elevadas mensalidades para as práticas gímnicas. Tampouco precisam comercializar bebidas e cigarros para sobreviver na disputa pelo mercado consumidor de serviços do universo da cultura física. Estas instalações, para propiciar lazer ativo para todas as camadas sociais, também deveriam se distribuir mais homogêaneamente, por todos os espaços urbanos. E, também necessitariam inserir-se de modo harmônico e planejado nos projetos urbanísticos e arquitetônicos, de forma a não descaracterizar cenários já existentes ou previstos para o futuro.

Como a disponibilização de instalações compreende somente uma parte de uma totalidade sócio-cultural, entende-se que não basta apenas a existência de locais apropriados "à livre disposição da população", mas, também seriam necessários orientações e incentivos à cultura para a vida com

qualidade e prazer. Além do que, a necessidade da exercitação física também é uma das necessidades do exercício ativo da cidadania, o qual requer pugnar pela satisfação de outros carecimentos sociais, econômicos e culturais, visando em última instância a felicidade das pessoas. Tudo isto, no fundo, compreende uma política ampla, sólida, democrática e consciente de cidadania e de cultura. Política esta que, na sua plenitude, ainda não se concretizou.

E, tendo em vista que vive-se numa sociedade de classes, mas entendendo que o Estado deve atender a todos os cidadãos, considera-se necessário que as iniciativas públicas, estatais, socialmente referenciadas, concretizem-se sem discriminações de qualquer espécie. Para tal, sem excluir as iniciativas privadas, tendo todas instalações sob a firmeza da legislação democraticamente instituída para que os poderes públicos evitem as distorções como as aqui denunciadas, como não cumprimento de legislação anti-tabagista, pugna-se para que o Estado também se preocupe para com a cultura física. Pois, mesmo com todas as iniquidades de um país de péssimos indicadores sociais, com grandes problemas e grandes potencialidades, ao se democratizar a cultura se estará auxiliando na democratização da sociedade.

Conclusão

Não podendo ser diferente, visto que todas formas culturais acontecem em meio concreto e imersas em relações sociais e econômicas já determinadas, também a Ginástica, o Futsal e o Soccer, expressam dentro de suas particularidades, características da formação sócio-econômica capitalista, existente na última década do século XX. Assim, a cultura física também é usada para obtenção de lucros e, espaços antes destinados aos setores da indústria e do comércio adaptam-se para a área de serviços, servindo de instalações para as práticas ginásticas e futebolísticas.

Ao se constatar a inexistência de instalações estatais a disposição da população, nem de pessoal com a devida formação orientando a exercitação física, gínminco-desportiva, conclui-se que, quanto à temática aqui estudada, o poder público está alheio à cultura física. Ainda que a Constituição assegure o dever do Estado no fomento do esporte, isto ainda não ocorre.

Criticar a realidade encontrada, implica reconhecer que estas formas culturais inserem-se nos processos dinâmicos de mudanças na sociedade e na cultura como um todo. E a dinâmica sócio-cultural indica que, tanto a Ginástica e como as formas futebolísticas da atualidade são diferentes do eram no passado, há bem menos de cinquenta anos e, certamente, também serão diferentes no futuro.

Ainda que com positivities, as práticas gínminco-futebolísticas constatadas estão longe de ser consideradas como apropriadas ou como ideais. Tendo como referências a melhoria da qualidade de vida, para todas as camadas da população, a necessidade de participação popular ativa na cultura física, como forma de busca de prazer, de elevação sócio-cultural, de exercício da cidadania e da subjetividade, entende-se que ainda são deficientes, quantitativa e qualitativamente, os indicadores de locais e de praticantes de Ginástica e Futsal e de Soccer em Pelotas.

Deve-se, também, considerar que as formas culturais aqui estudadas são de ocorrência concreta e significativa, no final do século XX numa cidade de porte médio do Sul do Brasil. E, estes dados, possivelmente, podem servir de referência para outras cidades, em particular para as de características populacionais e geográficas similares.

Quanto à Ginástica, pode-se elencar: a) Um número pequeno de praticantes menos de 1,0 % da população feminina, e ainda menor de praticantes do sexo masculino, pois 97% dos frequentadores eram mulheres; b) A maior parte das academias localizadas na zona considerada central da cidade; c) As academias padrão, tendo em média capacidade de 9 alunos por aula e 205,4m² de área construída; d) Existência de locais para a prática regular pertencentes a associados à clubes e à proprietários privados; e) Um custo relativamente pequeno, 4,76% da renda mensal *per capita*, para a sua prática, de duas vezes por semana; f) Período de maior procura antecedendo o verão; g) Horários de maior

procura nos finais de tardes e início das noites; h) Possivelmente em concordância o ideário de saúde, fortemente vinculado com a Ginástica e diferentemente dos locais para o Futsal e Soccer, nas academias não eram encontradas pessoas fumando.

Quanto ao Futsal e ao Soccer: a) Metade dos locais para o Futsal situavam-se na zona central da cidade, sendo no Soccer a maioria localizavam-se fora da zona central; b) Dos locais, 36,8% pertenciam à instituições educacionais, 26,4% à clubes sociais e 36,8% eram de propriedade privada, para aluguel; c) Existiam 44 quadras de aluguel, 31 para o Futsal e 13 para o Soccer, propiciando a existência de 13.273 praticantes, o que implicava em 4,40% da população urbana; d) Em oposição à Ginástica, 98% dos jogadores eram homens; f) Para uma prática de duas vezes semanais, individualmente cada jogador gastaria 3,81% da sua renda média mensal; g) Com uma prática desenvolvida “regularmente” ao longo do ano, ainda que diminuindo no forte do verão, os horários mais procurados eram do final da tarde e até a meia-noite; g) A existência de churrasqueiras e locais apropriados para comemorações, bem como a venda e consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, diferenciavam as quadras de aluguel das quadras com fins educacionais e das academias gímnicas.

Revelando características sócio-culturais particulares de uma cidade do extremo sul do Brasil, destaca-se que se trata, pois de uma abordagem reconhecidamente limitada, sobre a realidade da cultura física urbana. Deseja-se que o conhecimento divulgado propicie elementos para reflexões sobre a cultura física objetiva, na sua existência concreta, com suas lacunas, pontos fracos e pontos ainda possíveis de serem desenvolvidos. Como todo o estudo descritivo, de cunho sócio-antropológico, também esta modesta análise é datada, delimitada sobre somente três formas de cultura física e requer outros e maiores aprofundamentos.

E, essa objetividade de tomar o real como elemento de pesquisa, para, a partir de dados concretos propiciar ulteriores elaborações, também é tributária “... há de insistir fortemente na utilidade de um conhecimento que possa servir à reflexão, meditação, discussão...”¹².

Referências bibliográficas

¹ BING-BIEHL, C. Análise do perfil do usuário de academias. **Revista de estudos-FEEVALE**, vol. 12, nº 2, 1989, 7-11.

² BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

³ _____. Lei nº 9.294, proibindo o fumo em locais públicos, 1996.

⁴ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Informes**. <http://www.cbfs.com.br>. 2000.

⁵ COSTA, S. B. & PALAFOX, G. H. M. Características especiais da ginástica de academia no seu processo evolutivo no Brasil. **Revista da Educação Física**. vol. 4, nº 1, 1993, 54-60.

⁶ DAVID, C. E. B. **Fatores intervenientes na trajetória esportiva do atleta gaúcho de futsal: um estudo introdutório**. Pelotas, ESEF/UFPel, 2001. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Treinamento Desportivo.

⁷ ENGELS, F. Carta a W. Borgius, in MARX, K. & ENGELS, F. **Obras escolhidas**. vol. III, Lisboa, Avante, 1985.

⁸ FIGUEIREDO, N. **Modelagem do físico e levantamento de peso**. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1962.

⁹ GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo, UNESP, 1991.

¹⁰ GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1991.

¹¹ GURVITCH, G. **As classes sociais**. São Paulo, Global, 1982.

¹² MORIM, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1998.

¹³ OSIPOV, G. (Org.) **Libro de trabajo del sociólogo**. Moscou. Progreso, 1988.

¹⁴ PEREIRA, F. M. **Considerações sobre a prática de esportes em cidade de porte médio**. I